

Fernando Henrique Cardoso

Cartas a um jovem político

Para construir um país melhor

Colaboração de
Maria Amália Bernardi

2ª edição



Rio de Janeiro
2017

© Fernando Henrique Cardoso, 2017

1ª edição Elsevier, 2006; 1ª edição Civilização Brasileira, 2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATONACIONALDOS EDITORES DE LIVROS,RJ

C262c Cardoso, Fernando Henrique
2ª ed. Cartas a um jovem político/Fernando Henrique Cardoso. –
2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
144p.; 21cm.

ISBN: 978-85-200-1307-6

1. Ciência política. I. Título.

CDD: 320

17-39033

CDU: 32



Todos os direitos reservados. É proibido reproduzir, armazenar ou transmitir partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição adquiridos pela
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Um selo da
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 –
Tel.: (21) 2585-2000.

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Impresso no Brasil
2017

Sumário

Apresentação à 2ª edição	9
Introdução	13
1. Entrando na vida política	15
2. Política para quê?	19
3. Dois exemplos de político com “p” maiúsculo	31
4. Saber a hora – e outras coisas...	37
5. A arte de reunir pessoas	41
6. A grande escola do Congresso	47
7. Aprendendo com a vida no topo	53
8. O bem, o mal e a História	59
9. A política e os partidos	65
10. De São Paulo a Mato Grosso – de navio!	73
11. A gangorra da popularidade	77
12. Nunca sozinho e sempre só	91
13. Opinião pública: buscando o equilíbrio	99
14. Dos símbolos às promessas	105
15. A necessidade de alianças	115
16. Avaliação permanente	123
17. A cobrança do tempo	133
18. Algumas palavras finais	141

Introdução

Nestas cartas procurei dividir com o leitor – homens e mulheres –, especialmente os mais jovens, a quem são dirigidas, experiências que vivi em meus 27 anos de política, lições que aprendi dentro e fora do governo e conhecimentos que fui adquirindo ao longo da vida.

Não tive a pretensão de esgotar todos os temas de interesse para quem queira entrar no vasto mundo da política. Mas acredito que todos os pontos aqui abordados possam ser relevantes para alguém que pretenda engajar-se nesse universo.

Como insisto em mais de uma das cartas, política e ciência são coisas que não se confundem. Não posso pretender, portanto, que tudo que escrevi tenha o grau de certeza de uma equação matemática, ou que seja a pura expressão da verdade. Falei da minha verdade, apenas – e das minhas convicções, pontos de vista e referências.

Quem procurar aqui um tratado de ciência política obviamente não o encontrará. São cartas, quase uma conversa, na linguagem e no tom coloquiais que me pareceram adequados para os propósitos do trabalho.

Espero sinceramente que sua leitura possa auxiliar, por pouco que seja, quem está iniciando sua caminhada na vida política.

1. Entrando na vida política

Um jovem que pretende entrar na vida política me pergunta como deve se preparar para isso. O que o aspirante a político, que está dando os primeiros passos na carreira, precisa estudar, ler e aprender? Em quais disciplinas deve investir? Que capacidades terá que desenvolver? Por onde começar, enfim?

Em muitas outras atividades as respostas a essas perguntas são bem mais simples. Há escolas e cursos específicos para esta ou aquela profissão, currículos já estabelecidos, etapas a serem cumpridas na carreira. Na política não é assim. As coisas são muito mais abertas, dependem de muitas variáveis, não obedecem a um roteiro previamente definido. Não existe uma faculdade para formar políticos, com professores, apostilas, exames e formatura ao final de quatro anos... O que existe, sim, são experiências, exemplos e conhecimentos acumulados, dos quais se podem extrair lições e um itinerário geral de conduta.

Sem plano de carreira

Talvez a primeira coisa a lhe dizer, é que a vida, com suas circunstâncias, é que vai realmente definir as condições da sua entrada na vida política e, depois, o percurso a ser seguido. Você não precisa ter um plano detalhado para dar o primeiro passo. Creio que poucos políticos têm.

Eu mesmo nunca me preparei para ser um político nem imaginei que um dia seria. Menos ainda que chegaria à posição mais alta da hierarquia política, que é a Presidência da República. É verdade que meu pai foi deputado, mas ele me deu poucos conselhos políticos. Estudei sociologia e fiz carreira como professor na Universidade de São Paulo. Entrei na política levado pelas circunstâncias, em 1978, depois de ser afastado da universidade e proibido de lecionar no Brasil pela ditadura. Seria possível reproduzir esta situação nos dias de hoje? Não creio. Aliás, espero que não. De lá para cá, muita coisa mudou no Brasil e no mundo.

Ser político, hoje, é muito diferente do que era ser político no passado, mesmo levando em conta as particularidades do momento em que eu comecei. Ou seja, o fato de eu não ter me preparado para ser político, e ainda assim ter sido bem-sucedido, não significa que seja dispensável alguma forma de preparo. Embora não exista uma formação específica para quem quer seguir a carreira política, como ocorre com os médicos, engenheiros ou advogados, entre tantos outros, é fundamental se capacitar, se preparar. Até porque ser político neste início de século não apenas é diferente, mas também é muito mais difícil do que era antigamente.

A sociedade atual é, no dizer dos sociólogos, uma sociedade em rede –, na qual a relação do político com seus seguidores e eleitores é sempre mediada em tempo real, pela televisão, pelo rádio, pela Internet, pela imprensa. Não era assim no passado, e essa é uma diferença importante. Hoje, para ter chance de sucesso, o político precisa dominar os meios de comunicação de massa. Isso não significa ter poder sobre eles, no sentido de controlar o que fazem. Mas é

indispensável saber lidar com eles: estar familiarizado com seu funcionamento, conhecer seus ritmos, respeitar suas práticas, aprender como agem e reagem.

Eis aí um bom ponto de partida: ao se encaminhar para uma carreira política, você deve ter consciência de que sua caminhada será sempre feita em plena vista do público e na companhia dos meios de comunicação de massa. Procure, então, ir adquirindo todo conhecimento possível sobre a mídia e seus públicos. Quanto mais você entendê-los, melhor.

Quem entra na política também deve estar disposto, desde o início, a viver um processo contínuo de aperfeiçoamento. Se você não é capaz de lidar bem com as transformações do mundo, deve pensar melhor antes de seguir esse caminho. Não só na política, mas hoje em dia, em quase todas as atividades, é cada vez mais difícil assumir uma posição estática, como se tudo na sua vida estivesse definido para sempre, para não se mexer mais.

Antigamente havia no Brasil carreiras-padrão. Um jovem de classe média deveria ser médico, advogado, engenheiro ou professor – ou então padre, ou militar. Esse cardápio não variava muito. Hoje é completamente diferente. Além de haver uma infinidade de opções de profissões e áreas para se seguir, muda-se com facilidade de uma área para outra. Antigamente entrava-se numa carreira e ficava-se nela até morrer. O emprego era mais estável. A previsibilidade era a regra. Hoje o mercado é dinâmico. Os profissionais ficam pouco tempo em cada empresa ou posição, a tecnologia revoluciona tudo em períodos curtos de tempo e profissões novas aparecem a cada ano. Com isso, quem não se aperfeiçoa fica totalmente fora do jogo.

Duas capacidades básicas

Para lidar com essa realidade móvel, uma pessoa que pretenda atuar na política tem que desenvolver cada vez mais duas capacidades básicas.

Primeiro, precisa ter *visão global*. Tem que ser capaz de entender o conjunto das coisas e não apenas esta ou aquela parte.

Segundo, precisa ser *flexível* para se adaptar a circunstâncias novas e inesperadas.

Os políticos raramente têm visão muito aprofundada. Geralmente, seu olhar é mais superficial – mas é dirigido para muitas direções. Se alguém tem muito interesse por uns poucos temas, poderá ser até um grande especialista nisso ou naquilo, mas dificilmente se dará bem na política. Para ter uma visão global do Brasil e do mundo, é preciso saber algo da economia, da sociedade, dos avanços da tecnologia, das leis e assim por diante. Não é necessário, nem possível, ter conhecimentos profundos e específicos sobre cada um desses assuntos. Mas é essencial estar aberto à possibilidade de lidar com todos eles.

Além disso, os políticos, pelo menos os bons políticos, devem ter o espírito aberto para lidar com situações novas e imprevistas. Não se irritam nem se desanimam quando algo sai do planejado.

Ao considerar a possibilidade de entrar na política, você deve perguntar a si mesmo: serei capaz, sem me estressar muito, de dividir o tempo toda minha atenção por um leque variado de problemas? E estou disposto a viver a maior parte da minha vida ao sabor dos imprevistos?